

ENJÔO POÉTICO¹

POETIC NAUSEA

João Silvério Trevisan*

Enquanto o “mercado gay” cresce hoje como um dos grandes nichos consumistas da década, a cabeça das pessoas sofre um reducionismo em ordem inversamente proporcional, que as aproxima da imbecilização.

Na atual ditadura do mercado, a produção artística se vê especialmente relegada. Outro dia fiquei constrangido diante de uma coletânea de contos gays, ao constatar que os escritores andam substituindo literatura por ereção. Se sinto tédio lendo Constantino Cavafis ou Mário Faustino, isso se deve à sua capacidade poética de falar do amor, ao passo que as produções pornôis me deixam broxa com sua total falta de criatividade. (Duvido que, nos filmes de sacanagem, você já tenha visto um homem alisando o corpo do outro ou beijando-lhe os olhos ou dizendo-lhe galanteios marotos. Com certeza, o fuc-fuc fica entediante demais quando repetido como lição de casa!...) Pois bem, no dia que conheci a poesia de Valdo Motta, dei urros de prazer e alegria. Confesso que há muito eu não lia

¹ TREVISAN, João Silvério. Enjôo poético. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, n. 23, maio 1997.

* Romancista, contista, ensaísta, roteirista, diretor, dramaturgo (Ribeirão Bonito, SP - 1944), autor de *Testamento de Jônatas deixado a David* (1976); *As incríveis aventuras de el cóndor* (1980); *Em nome do desejo* (1983); *Vagas notícias de Melinha Marchiotti* (1984); *Devassos no paraíso* (ensaio, 1986); *O livro do avesso* (1992); *Ana em Veneza* (1994); *Troços & destroços* (1997); *Seis balas num buraco só: a crise do masculino* (1998); *Pedaco de mim* (2002); *Rei do cheiro* (romance, 2009); *Pai, Pai* (2017), *A idade de ouro do Brasil* (2019), *Meu irmão eu mesmo* (2023), entre outros.

nada tão belo, radical e transgressor. Foi Yumna Simon, professora de literatura na Unicamp, quem saiu feito louca atrás dele, até conseguir publicar seu último livro: BUNDO E OUTROS POEMAS. Eu vi Valdo declamando na periferia de São Paulo e me senti diante de um possuído que não media palavras nem gestos para falar de Deus a partir da desmunhecação e do obsceno. Valdo começou a fazer poesia aos vinte anos. Hoje, aos trinta e seis, ele é autor de vários livros e continua morando em Vitória (ES). Tarólogo, numerólogo e estudioso da Bíblia, Valdo Motta instaura-se na longa tradição daqueles místicos que amam Deus com tanta radicalidade que já não separam mais tesão do corpo e da alma. Isso se chama estado de fusão poética. Uma fusão que permeou nossa entrevista.

JST - Valdo, com quem sua poesia dialoga?

VM - Geralmente, com poetas místicos, digamos assim: São João da Cruz, Eliot, Genet (que considero um poeta), a Bíblia e os poetas bíblicos: Isaías, os autores dos Salmos, o autor do Apocalipse, os Evangelhos e a poesia da literatura mística universal. Por exemplo, eu gosto muito de *A linguagem dos pássaros*, de Farid ud-Din Attar...

JST - Você sempre escreveu poesia de inspiração homossexual?

VM - Sim. Desde o meu primeiro livrinho, chamado *Pano rasgado*, eu já escrevia poemas homoeróticos, já rasgava o pano, já mostrava o cu para o mundo.

JST - Mas você faz poesia homossexual?

VM - Não. Eu faço poesia. Homossexual é apenas uma contingência.

JST - Você acha que existe uma poesia homossexual?

VM - Acho muito perigoso entender as coisas por esse prisma. Eu não gosto dessas classificações, que são rótulos, camisas-de-força. Porque eu faço sobretudo poesia, *poiesis*.

JST - Mas eu ouvi você próprio dizer que sua poesia utiliza o bicharês...

VM - Ah, sim... Mas nem por isso ela é uma poesia homossexual. Ela é poesia, sobretudo. Agora, é claro: eu falo bicharês, uma linguagem típica dos homossexuais, que revela um modo muito singular de perceber o mundo.

JST - Quer dizer que você admite essa singularidade?

VM - Admito, mas nem por isso a minha poesia é homossexual. É uma poesia universal, que pode ser lida, entendida e colocada em prática por qualquer um. Ainda mais porque todo mundo tem cu. E o que eu proponho é uma adoração do Deus vivo, que lateja e pulsa em nosso rabo. O que não tem, necessariamente, a ver com intercurso anal -- mas pode, eventualmente, ter.

JST - Qual é a função da poesia para você?

VM - É a salvação não só da alma, mas também do corpo... Valdo Motta é um fanático que acredita ferozmente na poesia até como possibilidade de redenção humana. Não proponho que a poesia seja a salvação, mas que ela possa fornecer elementos que nos proporcionem, digamos, uma libertação de condicionamentos anteriores e nos joguem para um novo universo, um novo modo de ser e estar no mundo.

JST - É uma proposta bastante ambiciosa...

VM - É, na verdade, extremamente ambiciosa. E eu não me pejo de revelar isso. Eu só penso em termos de absoluto. Me aborrece muito ver artistas pusilânimes, que não ousam, não arriscam seu pescoço, não se comprometem...

JST - E o que significa se comprometer, enquanto poeta?

VM - Significa que eu aposto tudo - minha vida, minha alma, minha cabeça - naquilo em que acredito. Por isso, sei que meu livro pode incomodar muita gente.

JST - Como você definiria a sua poesia?

VM - Pelo menos em relação à minha poesia atual, ela é: apocalíptica e escatológica. Apocalíptica no sentido de que eu me proponho revelar segredos do âmbito da religião, da magia, do esoterismo. E escatológica porque tem a ver com o sentido léxico da palavra: retransmito em minha poesia uma noção de fim de ciclo histórico, que pode perfeitamente coincidir com o fim dos tempos preconizados pelo cristianismo e profetas bíblicos. Mas minha poesia é escatológica também porque está ligada à fecalidade. Ela é uma poesia terminal,

fala de nossas entranhas, daquele lugar onde todas as coisas têm início e onde, no final das contas, todas as coisas vão parar...

JST - Que lugar é esse?

VM - O cu. Entendo que o cu é realmente o epicentro de todos os fenômenos. Para ser mais preciso, trata-se do cóccix, que está localizado exatamente no centro do corpo. Deus está no cu porque no cu está o centro do calor do nosso ser. É lá nas entranhas, no santo dos santos, que está localizado o nosso cóccix, que é o ponto inicial da coluna vertebral e sustenta todo o nosso ser. Em hebraico, **El** alude tanto a Deus - como cordeiro, árvore, majestade - quanto a coluna, poste, pilastra. Compõe-se de **álef** e **lâmed**. **Alef** significa o princípio, e o cóccix é o princípio do nosso corpo: é por ali que a gente nasce e onde todas as coisas começam. E **lâmed** significa expansão, crescimento, elevação. Se você observar bem uma dessas fotografias de embriões, vai verificar que o cóccix corresponde ao talo de uma fruta. E se você observar uma fruta numa árvore, vai ver que ela começa pelo talo. O cóccix e a coluna vertebral correspondem ao talo do fruto...

JST - Mas, poeticamente, como você vê que Deus está no cu?

VM - Eu sinto ali o fogo da vida. Pela meditação e pela percepção poética eu posso amplificar isso, e posso ver ali no cóccix a pedra fundamental de uma obra em construção, que é o nosso corpo. Corresponde também a um eixo em torno do qual todas as coisas giram. Estando o cóccix localizado no centro do corpo, eu posso, filosoficamente, dizer: eis aqui o princípio, o meio e o fim. Ora, Krishna diz de si mesmo que ele é o princípio, o meio e o fim de todas as coisas. E Jesus Cristo também se diz o alfa e o ômega, além do meio, porque é a porta que conduz ao reino dos céus. Cristo explica que o reino dos céus é dentro de nós. Há referências no Velho Testamento: "Olha, Israel, o Senhor teu Deus está no meio de ti". Verifiquei, em hebraico, que **BeQiRBeNU** é "no meio de nós" e **BeQiRBéKa** é "no meio de ti". Decompondo tais palavras encontrei **QeRéV**, que no dicionário hebraico quer dizer meio, centro, ventre, íntimo, entranha. É a isso que Jesus se refere quando diz que "o reino de Deus está no meio de nós". Não é "meio de nós" no sentido exterior, e sim no sentido interior...

JST - ... de nossas entranhas...

VM - Sim, das nossas entranhas.

JST - ... onde está a merda.

VM - Sim. Deus se confunde com a merda... Primeiro porque a merda pode ser considerada a lama primordial. A merda, na verdade, já é a síntese de tudo aquilo que nós comemos. E aquilo que comemos vem da terra, onde as coisas mortas se decompõem, viram merda, viram lama. E no nosso organismo, esse alimento vira merda de novo, num processo eterno... É Deus que se come, na verdade, quando nós comemos. E quando estamos cagando, cagamos Deus. Aquilo ali é a matéria prima que vai alimentar outras formas de vida, vegetais, animais, etc. Enfim, a cadeia não se interrompe. Então, Deus se confunde com o escatológico, muitas vezes. Se a merda está ali e se ali é o laboratório da transformação do alimento em merda... por que Deus não está ali? Ademais, o apóstolo Paulo diz que Deus escolheu as coisas vis, infames e vergonhosas deste mundo justamente para combater aquelas que se propõem como bonitinhas, corretas, verdadeiras.

JST - Você acha então que Deus pode ser feio?

VM - Por que não? A Bíblia abunda em exemplos de aparições de Deus como um ser terrível, que deixa todo mundo apavorado.

JST - Então o Victor Fasano não é bem a imagem de Deus...

VM - Deus não tem nada a ver com esses padrões de beleza globais, institucionalizados... Muito pelo contrário: em termos bíblicos, está registrado que ninguém pode contemplar a cara de Deus e sair vivo dessa visão. Porque ele é medonho, apavorante.

JST - Mas, normalmente, em nossa cultura, Deus é sinônimo do belo.

VM - Eu aprendi a captar Deus através dos paradoxos. Veja bem: para termos uma percepção mais plena de Deus, temos que admitir que ele é também essa beleza. No entanto, ele há de ser, primordialmente, o feio, o não aceito, a merda de onde todas as coisas se engendram. Porque se Deus é a totalidade, aí nós temos que incluir o feio, o horroroso. Eu prefiro a visão de um Deus que se confunde com a merda, com o cu, com o feio, com o proscrito e com o marginalizado.

JST - Mas, no fundo, a gente sempre compara Deus ao belo. Isso poderia significar que, na verdade, o feio não existe, pois o conceito de beleza é basicamente subjetivo. Quer dizer, o Deus que é feio para o outro pode ser belo para mim.

VM - Sem dúvida. E o que é o céu para uns pode ser o inferno para outros. Aliás, tenho que dizer que o cu é, ao mesmo tempo, o céu e o inferno. Para o cara que nunca deu, que odeia homossexual ou que tem nojo de suas entranhas e horror à merda, o cu só pode representar o inferno. Aliás, eu tenho certeza que a concepção cristã de inferno, onde existe fogo e enxofre, tem muito a ver com o cu. A merda tem um quê de enxofre, não é?

JST - Nas culturas anglo-saxônicas, a maior ofensa para alguém é mostrar-lhe a bunda: o cu é a parte mais degradada...

VM - Mas quando mostro o cu na minha poesia, eu quero violentar o olhar do outro, na verdade, para mostrar que Deus está ali, entendeu? A partir do momento em que eu me compenetrei da seriedade e do caráter espiritual daquilo que é considerado sujeira e ignomínia, percebi que o modo por excelência de louvar a Deus é massagear o cu e, enquanto se faz isso, pensar em Deus, cantar, dançar, etc. Então eu entendi que estava botando o pé numa terra desconhecida, fazendo uma grande descoberta, naquele sentido heróico mesmo: eu me senti como um Buda, como um Jesus Cristo, um Teseu, como um Hércules, um herói dessas aventuras espirituais que abundam por aí. Como eu estava muito desencantado com os relacionamentos afetivos, o desencanto foi concomitante a essas descobertas e eu me senti muito à vontade para mergulhar nesse novo universo, onde percebi uma mensagem de salvação. O processo de salvação implica em ter todo um relacionamento amoroso, afetivo e religioso com o cu, com o meu cu e com o cu alheio. Mas já não mais segundo os padrões afetivos homossexuais ou sexuais praticados.

JST - Quer dizer que você deixou de ser homossexual e se tornou místico?

VM - Não. Eu continuo homossexual, com aquele afeto e até o desejo mesmo. Mas estou a fim de inaugurar um novo padrão de relacionamento, e isso, na

verdade, pode ser chamado de minha religião. Acho que expurguei o cristianismo, o judaísmo e descobri coisas universais. Sabe por quê? Nessa minha busca do sentido da vida ou de Deus, sempre entendi que nosso corpo teria que ser o referencial maior de tudo, porque ele é um microcosmo e tudo que está nesse microcosmo está também no macrocosmo, assim como tudo que está fora também está dentro. Então, fui beber no Oriente, passei pelo I Ching, taoísmo, confucionismo, budismo, yoga. Comecei a me encontrar, quando descobri os chakras - que são centros energéticos do corpo. Ora, o cóccix e o ânus estão relacionados ao chakra básico, o chakra muladhara. Aí, mergulhei no shivaísmo, no tantrismo e passei para o dionisismo, através da leitura do livro *Shiva e Dioniso: A religião da natureza e do eros*, de Alain Daniélou, que traça paralelismos entre o dionisismo, orgias báquicas e os profetas bíblicos... Então peguei a Bíblia e consultei I Samuel 10, 5-12 e I Samuel 19, 20-24, onde os profetas cantam, dançam, comem e se alegram. Aí se fala que a congregação dos profetas, Saul e o profeta-mór Samuel, todo mundo ficou peladão!... Uma orgia na Bíblia?! Quando eu percebi aquilo, disse: Meu Deus do céu, e eu aqui tão bobinho e desinformado, achando que a Bíblia era uma coisa só de gente careta e reacionária! Como é que ninguém fala disso?

JST - E os outros mitos?

VM - É tudo uma festança só. Comecei a pesquisar, por exemplo, a metáfora da montanha sagrada... Se eu vou para a Índia, encontro lá o monte Meru, onde o mito do nascimento do Buda diz que um elefante branco se perdeu e entrou pelo flanco esquerdo de Maya, que é a mãe do Buda. O elefante está ligado ao chakra muladhara, o chacka básico que está relacionado ao cu. Elefante, Buda, iluminação... Então, eu me liguei: todos os símbolos fundamentais giram em torno do cu. A coisa é universal! Montanha sagrada, terra santa e terra prometida são equivalentes: seja a ilha bem-aventurada, a Jerusalém celestial, o monte Meru ou o Olimpo dos deuses da Grécia. Na *Epopéia de Gilgamesh*, o mito sumério relata que para buscar o caminho da salvação Gilgamesh precisa atravessar uma montanha chamada Mashu. Na literatura sufista, o escritor Jorge Luis Borges cita a montanha Kaph, onde habita o pássaro Simorgh, a

divindade suprema que só trinta pássaros conseguem encontrar. E Simorgh vem a ser exatamente trinta pássaros. Ou seja, esses trinta pássaros encontram a si mesmos. Mas onde? Na montanha Kaph! No contexto árabe, semítico ou judeu, **Kaph** ou **Keph** está ligado a "mão" e significa também rocha, montanha. No Novo Testamento, Pedro é chamado de Kephias, rochedo, como se lê: "Pedro, tu és pedra e sobre esta pedra erguerei minha igreja". Então, esse Pedro é rochedo e ao mesmo tempo mão. Em hebraico existem duas palavras para designar mão: **YaD** e **KePh** ou **KaPh**. Ora, **YaD** e **KaPh** juntas formam este gesto muito usado nas religiões. (*Valdo faz o mudra universal de adoração, com as mãos unidas, palma a palma.*) Esse mudra das mãos postas é um código erótico, na verdade. Por quê? **YaD**, em hebraico, significa também vara, pênis, caralho. E **KaPh** significa rochedo. O que a Bíblia preconiza como salvação é a união das duas faces de Deus, que correspondem aos lados direito e esquerdo, mas também à frente e ao dorso. Assim, as mãos postas são a vara e o rochedo. Simbolizam a união da frente com o dorso...

JST - ... como no coito anal...

VM - Exatamente!

JST - E por que o seu último livro, *BUNDO E OUTROS POEMAS*, é dedicado "ao Esposo fiel, o Amigo de sempre, Jesus Cristo"?

VM - Porque vivemos numa civilização cristã em que Jesus é o Prometido, o Grande Desejado. E se eu estou num contexto de final de tempos, tenho que dedicar a Jesus Cristo, porque ele é o Rei da Justiça. Justiça vem a ser exatamente um relacionamento de amor, respeito e reverência para com esse lugar em nós onde o Deus vivo está localizado, que é o trono de Deus e ao mesmo tempo o reino dos céus. Enfim, o lugar da salvação, a colina da justiça, como diz o Salmo 72, 3. E a palavra justiça, **TzDéQ** em hebraico, eu posso decompor da seguinte maneira, de trás para a frente: **Qoph** significa a lei; **Dálet** significa a Terra, a porta da Terra; e **Tzadi**, que é a 18a. letra, está associada ao ocidente, ao poente, ao traseiro. Em árabe, o número 90, que está ligado à letra **Tzadi**, significa exatamente o ânus... Portanto, a justiça é esse ritual de adoração, cuidados e louvor que nós podemos desenvolver em relação ao nosso

próprio rabo, nosso ânus, e com relação ao rabo alheio. Ou seja: é preciso repensarmos o cu e as fezes...

JST - ...de um ponto de vista místico?

VM - Exatamente. De uma perspectiva espiritual, religiosa. Porque não se esqueça: o encontro com Deus ocorre na religião, que vem de *religare*, que em latim significa "ligar". Mas, ligar por onde? No sentido latino, é ré-ligar: ligar por trás, caramba! E o pecado seria exatamente errar o caminho.

F I M



Capa da revista *Sui Generis*, com a entrevista de Waldo Motta ao escritor João Silvério Trevisan².

² Agradecemos a Beto Schmitz II, do Projeto Caminhos para a Cidadania LGBTI+, Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott - CEDOC/ LGBTI+, pela digitalização das páginas da entrevista de Waldo Motta a João Silvério Trevisan na revista *Sui Generis*.